

IV. ARTIGOS DE TEMA LIVRE

PLUTARCO E OS LÁGIDAS: REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA E PROPAGANDA IMPERIAL

Felipe Aiala de Mello¹

RESUMO

Este artigo busca analisar as representações identitárias dos Lágidas e do Oriente forjadas por Plutarco em *Vidas Paralelas*. Ao falar de um lugar ideologicamente marcado, sob o ponto de vista de um cidadão de uma *polis* grega (Queroneia) que viveu sob o domínio romano, Plutarco reconfigura fatos, dados, enfim, a própria história, com uma escrita de cunho biográfico, documental e histórico e, ao mesmo tempo, estrategicamente, dramático, teatral, emocionado e moralizante. Busca-se mostrar que Plutarco, ao forjar a representação da dinastia Ptolomaica, o faz sob uma perspectiva imperialista e orientalista, coadunando com a ideologia romana. As principais categorias analíticas utilizadas na consecução deste texto são *imperialismo*, *orientalismo* e *representação/identidade*. A metodologia utilizada na análise baseia-se na forma tradicional do trabalho do historiador, qual seja, a das críticas internas e externas das fontes, aliada à análise de conteúdo. Vemos que Plutarco, a partir de dicotomias opositivas estereotipadas sustentadas por preceitos helênicos, subjuga os Lágidas e o Oriente, em prol de uma suposta superioridade baseada em uma hierarquização cultural e moral, em sintonia com a propaganda romana.

PALAVRAS-CHAVE

Plutarco, *Vidas Paralelas*, Lágidas, Oriente, propaganda imperial.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Pesquisador do MAAT-UFRN (Grupo de Estudo de História Antiga). E-mail: felipeaiala@yahoo.com.br.

1. Introdução

Plutarco – historiador, biógrafo e filósofo grego –, viveu entre os anos 45 e 120 d.C. aproximadamente. Membro de uma família nobre, teve acesso a uma educação de alta qualidade, estudando em Atenas e em Roma e viajando por diferentes lugares do Mediterrâneo. Mesmo que as datas de nascimento e morte sejam imprecisas, o local é certo – a cidade de Queroneia, na região da Beócia, entre a península do Peloponeso e o Sul da antiga Grécia. Essas deduções e essas assertivas estão ancoradas sobretudo na própria obra do historiador-biógrafo, que recorrentemente faz referências às suas origens e à sua região, sempre de maneira afetiva.

Boulogne (1994) observa que é recorrente a divisão da obra de Plutarco em dois grandes grupos – *Moralia* e *Vidas Paralelas* –, mas que isso não significa que as biografias contidas em *Vidas Paralelas* não tratem de questões morais, pelo contrário. Plutarco compõe suas biografias justamente buscando nas personalidades que alcançaram a celebridade, por suas ações políticas, exemplos de ética e de moralidade, seguindo e segundo parâmetros próprios da tradição helênica. Entre os séculos I a.C. e III d.C., era comum os biógrafos e literatos descreverem a história de vida de pessoas valendo-se de uma espécie de padrão (régua) moral e comportamental. Com isso, eles circunstanciavam o universo das representações sociais e dos saberes vigentes tanto no espaço-tempo dos biografados como também nos seus próprios, o que acrescenta aos textos valor documental histórico, ainda que permeados de ficcionalidade (Swain, 1996). As fronteiras do gênero *biografia* com outros gêneros configuram, desde a Antiguidade até os dias de hoje, algo complexo e polêmico. Na época de Plutarco, o gênero biográfico engendrava sobretudo a história, a filosofia e a literatura, ou seja, não havia uma divisão clara desses gêneros, era algo híbrido, compósito e de fronteiras fluidas, o que leva a constantes desafios de estabelecimento de regras necessárias a uma reatualização e diferenciação conceitual. Bakhtin (1993), interessado nas nuances das biografias da Antiguidade, fala em biografia *energética* (ações pessoais do sujeito) e *analítica* (vida social, familiar). Segundo o autor, a primeira enquadraria melhor a obra de Plutarco e a segunda a de Suetônio, por exemplo. Para Momigliano (1993), a separação entre biografia e história (política) teorizada no período helenístico já era uma realidade no século V. a.C. Ainda segundo o estudioso, tanto os gregos quanto os romanos perceberam que escrever biografias não era exatamente a mesma coisa que escrever história. Ao manter a biografia separada da história, eles puderam apreciar as semelhanças e as diferenças entre

ser um poeta e um filósofo, um mártir e um santo. Eles também foram capazes de notar o que há de humano em um rei ou em uma celebridade política.

Tratando da escrita de Plutarco, Martins (2007, p. 22) assevera que “assim como a história, a prática biográfica na Antiguidade Clássica também se aproximava da literatura, na medida em que seus escritos constantemente incluíam maniqueísmos e boatos”. Próximo do pensamento de Martins (2007), Schiff (2011) lembra que relatos como os de Plutarco devem ser necessariamente repensados quanto ao seu teor documental-histórico. Ainda segundo a autora (2011, p. 17) “[...] para padrões modernos [autores como Plutarco] são polemistas, apologistas, moralistas, fabulistas, recicladores, fazem cortar-colar, são hackers”. Ainda assim, fontes como as de Plutarco são algumas das poucas que temos para mostrar como ele delinea, retraça identidades sociais valendo-se dos padrões *paidêuticos* helênicos. Além de fonte documental histórica e de cunho assumidamente biográfico, a coletânea *Vidas Paralelas* é composta de um conjunto de retratos de homens ilustres reproduzidos, de maneira intencional e educativa, com julgamentos éticos e morais que servissem de modelo. Nesse ínterim, Plutarco também fala de personagens coadjuvantes, valendo-se de todo um repertório de estereótipos e clichês para também descrevê-los e representá-los como contraponto. Os membros da dinastia Lágida compõem parte desse quadro de personagens secundários que perpassam diversas biografias ilustres, geralmente do lado oposto aos atos nobres.

Em uma conhecida anedota que demonstra a relação quase familiar do queronense com os Lágidas, Plutarco conta que seu avô Lâmprias teria conhecido, em sua juventude, Filotas, um médico que fazia seus estudos em Alexandria e frequentava o Palácio dos Ptolomeus. Esse avô parece ter marcado sobremaneira a vida de Plutarco, visto que o filósofo recorrentemente o cita. Histórias cheias de imaginação e eloquência que compuseram uma memória ao mesmo tempo doméstica e coletiva. Histórias cultivadas em casa e que moldaram Plutarco se cristalizaram em seus escritos e chegaram até nós como raros documentos daquele espaço-tempo: “Esse avô culturalmente curioso certamente exerceu uma forte influência sobre o neto para manter sua memória tão viva, a ponto de evidenciar com mais clareza o relativo apagamento do pai” (Sirinelli, 2000, pp. 120-121).

Plutarco fazia parte de uma elite que escrevia para elites, que dominavam a escrita e os registros escritos, organizando suas próprias concepções da vida social e partindo de suas próprias criações da memória cultural instituídas em seu espaço-tempo. Esse contexto nos faz concordar com Funari (2003, p. 22), quando este afirma que “a ideologia

da classe dominante se torna a ideologia dominante para a sociedade um todo”. Mais particularmente, a ideologia imperial alcança as sociedades sob seu domínio, incluindo-se aí, evidentemente, Plutarco e sua representação dos Lágidas e do Oriente. Para Flacelière (1963, p. 33), ser grego e/ou romano não representaria um problema para Plutarco, tendo em vista que, no seu entendimento, “Roma era grega desde suas origens as mais distantes”, ou seja, Roma já era de certa forma helenizada desde sua fundação; a língua e a cultura grega já faziam parte do mundo romano, logo, Roma era, em muitos aspectos, uma cidade helenizada e helenizante. O grupo de amigos romanos de Plutarco pertencia à elite do Império. Um desses amigos, Sósio Senécio, teria sido inclusive o responsável por apresentar Plutarco a Trajano (imperador de 98 a 117 d.C.), que também se torna seu amigo e o convida a frequentar os palácios romanos e a proferir palestras aos romanos ilustres (Pinheiro, 2013; Ziegler, 1964). Cabe registrar que a primeira viagem de Plutarco a Roma se deu sob o regime de Nero e que a Grécia já se encontrava sob o domínio romano há mais de dois séculos. Não haveria, nesse sentido, razão para acreditar que homens gregos, sobretudo homens notáveis como Plutarco, se sentissem socialmente intimidados ou humilhados com a subjugação da Grécia e com sua anexação pelos romanos. Plutarco teria, então, aproveitado essa estada em Roma para conhecer mais e melhor o espírito romano, observar como viviam e pensavam, para conhecer e dominar o funcionamento do sistema imperial, e, sobretudo, frequentar bibliotecas e acervos que lhe seriam de grande valia na confecção de sua obra (Beck, 2014).

Plutarco busca transmitir a seus leitores “uma mensagem que oscila entre o louvor da antiga Grécia e o reconhecimento do destino imperial de Roma”, conforme afirma Pinheiro (2012, p. 238). Mesmo sob o domínio romano, os gregos buscavam guardar sua memória, sua identidade e o orgulho da cultura helênica herdada. O queronense teve a chance de fazer parte de um período importante da história do Império Romano. Ele vivenciou momentos de grande efervescência social e política em suas viagens, assistiu à subida de Vespasiano ao trono enquanto se encontrava em Roma. Nesse momento, a administração de Vespasiano traz modificações nas relações entre Roma e as províncias, implementando uma política de apaziguamento que traz consequências que afetam a vida dos gregos, em geral, e a de Plutarco, particularmente. Emprega-se, como política de Estado, uma harmonização nas relações entre Roma e algumas de suas províncias. Evidentemente, diante da multiplicidade de províncias e de sua heterogeneidade, essas relações variavam, a nível de tratamento político, bélico e financeiro, o que impactava nas decisões de domínio imperial. Já para Pinheiro (2013, p. 58), as *Vidas Paralelas* de

Plutarco não vislumbram uma inclinação clara por declarar a superioridade helênica, mas “apenas assumem que os valores da sua cultura, a grega, são os que mais interessam naquele momento, aliados ao poderio romano e aos nobres princípios da própria cultura romana”. Privilegiando ou não mais os gregos do que os romanos, fato é que Plutarco dedica suas *Vidas Paralelas* a celebridades romanas, seus co-enunciadores e possíveis financiadores. Ademais, na composição das biografias, Plutarco geralmente emparelha um grego com um romano e, como contraponto retórico-discursivo e ideológico, tem-se, como pano de fundo, os bárbaros, os estrangeiros, como os Lágidas, por exemplo.

Plutarco denigre a imagem do Oriente, dos Lágidas e de seus aliados. Essa atitude era comum aos poetas, historiadores e políticos greco-romanos (Aburto, 2009; Mello, 2019). Intelectuais como Plutarco buscavam questionar os excessos em seus personagens, dando relevo às virtudes e aos bons costumes greco-romanos na antinomia da barbárie. Diante da necessidade de exaltar o tradicionalismo, o respeito às normas e aos bons costumes, à ética e à moral, os Ptolomeus e o Egito tornam-se, sob a pluma de intelectuais helênicos, alvos de críticas que, com o tempo, só aumentaram (Rodrigues, 2002).

2. *Embasamento Teórico*

Para pesquisarmos a representação dos Lágidas e do Oriente em *Vidas Paralelas*, é praticamente impossível não lidar com conceitos que, de alguma maneira, se completam e se complementam: *orientalismo*, *imperialismo* e *representação identitária*. Para tratarmos do conceito de *orientalismo*, procedemos a uma espécie de transposição no espaço-tempo, já que ele foi forjado para explicar, prioritariamente, eventos históricos temporalmente mais próximos de nós e, no nosso caso, nos servimos dele para explicar eventos históricos da Antiguidade, o que nos remete à história dos Lágidas na obra de Plutarco: “episódios romanescos, seres exóticos, lembranças e paisagens encantadas, experiências extraordinárias [...] que remonta à concepção grega sobre os bárbaros” (Said, 2007, p. 27). Cabe lembrar que Said (2007, p. 28) conta com o Egito como parte do escopo daquilo que ele nomeia de *Oriente*: “partes determinadas do Oriente como o Egito, a Síria e a Arábia não podem ser discutidas sem também se estudar lugares mais distantes como a Pérsia”. Além de Said (2007), Plutarco também vê o Egito como parte do Oriente. Em *Vida de Antônio* (XXX), o narrador diz: “de maneira que as províncias do Oriente ficaram com Antônio, as do Ocidente com César e as da África com Lépido”. Continuando, tem-se: “Antônio parte para as províncias do Oriente para adquirir fundos [...] e chega ao Egito para se encontrar com Cleópatra” (XXIII).

O *orientalismo*, segundo Said (2007), é uma invenção que serve para sustentar um discurso e uma ideologia de controle, uma instituição corporativa de conhecimento responsável por perpetuar clichês, um modo ocidental de dominar, reestruturar e exercer o poder sobre o Oriente. Trata-se de um conjunto de ideias circunscritas a valores, apresentados de modo generalizado, que caracterizam estereotipadamente o Oriente. A intenção é “naturalizar” um pensamento hierarquizante, algo que sirva como instrumento “para negociar opiniões sobre ele, descrevendo-o, colonizando-o: em resumo, o orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente” (SAID, 2007, p. 29). Orientalismo supõe, então, a crença numa distinção efetiva, ontológica e epistemológica entre dominadores e dominados.

No caso da representação dos Lágidas, o *orientalismo* mostra-se intimamente ligado ao contexto político no qual eles (e também o autor grego) se inserem. Essa dinastia foi tida por Otávio e por alguns intelectuais da Antiguidade como uma ameaça à supremacia romana. Ainda que oficialmente reconhecida, por um período, como “aliada e amiga” política de Roma, os Ptolomeus, que compõem a Dinastia Lágida, ao se unirem a Antônio, por exemplo, passam a ser peça importante no jogo político, o que justifica o intento de descaracterização de sua imagem e a propalação de uma propaganda contra eles, um discurso de medo e de contaminação oriental. Os Lágidas tornam-se, nesse contexto, mais do que apenas um símbolo do Egito; eles sintetizam o ideário de todo o Oriente e do que esse Oriente (exótico e ameaçador) representa para Roma. Assim, quando Otávio declara guerra ao Egito, volta a atenção da opinião pública romana tanto para Cleópatra VII quanto para Antônio, que era, na verdade, seu verdadeiro alvo. Otávio forja uma propaganda xenófoba e anti-Lágida para atacar Antônio, com o objetivo de se beneficiar politicamente da situação, já que, nesse cenário, ele é retratado (por intelectuais contemporâneos a ele e também os subsequentes) como o bom e exemplar líder romano (Siani-Davis, 1997; Goldsworthy, 2012).

Schmidt (1999), cuja obra se intitula justamente “Plutarco e os bárbaros: a retórica de uma imagem”, vê que a representação dos bárbaros é recorrentemente estabelecida em torno de um certo número de estereótipos que advém de uma tradição literária que remonta ao século V a.C., período em que ocorreram as Guerras Médicas e se consolidou um processo de reforço identitário helênico no contraponto com os persas contra quem eles lutavam. Buscando mostrar a importância do conceito de *orientalismo* neste artigo, registramos algumas palavras de Hernández e González (p. 23) a respeito da relação de Antônio com o Oriente, na *Introdução* da obra de Plutarco *Vida de Antônio*, que

traduziram e comentaram. Para os autores responsáveis pela obra em sua edição da Gredos,

Não surpreendentemente, é também no Oriente que Antônio busca aliados, visitando cidades gregas na Ásia Menor e juntando-se à rainha Cleópatra do Egito, antes de enfrentar Otaviano em solo grego em Ácio, na costa de Ambracia. É claro, em cada caso, qual é o papel de liderança que a Ásia tem para sua riqueza e o poder das casas governantes ali, e o papel subsidiário da Grécia como um campo de batalha onde as forças dos oponentes são medidas. A derrota de Marco Antônio foi na verdade uma grande derrota do Oriente contra o Ocidente.

Seguindo esse raciocínio, acreditamos que a representação do Egito como um espaço no Oriente, ainda que localizado no continente africano, diz respeito a uma relação de poder e de dominação, ou seja, é uma construção greco-romana que surge nas ações imperialistas, momento em que são construídas instituições autorizadas a lidar com essa realidade, a divulgar e a justificar a ideologia imperialista de autoridade sobre o Oriente, como o Egito dos Lágidas, por exemplo. Ademais, é sabido que o Egito, antes da invasão de Alexandre, o Grande, era dominado há dois séculos pela monarquia persa, símbolo da cultura oriental e bárbara para os helenos. O Egito dos Lágidas, nos dizeres de Plutarco, é terra manchada por crimes contra heróis gregos e romanos, como Agesilau e Pompeu, por exemplo; por crimes de calúnia e de levante contra César; e, juntamente com Antônio, de apropriação da Síria, Armênia e Chipre, entre outros territórios conquistados pelo reino romano no Oriente, e distribuídos entre Cleópatra e seus filhos.

Outro conceito importante e que tem uma relação direta com o *orientalismo* é o *imperialismo*. No caso romano, o imperialismo teve uma atuação heterogênea, impactando, de maneira distinta, nas várias outras culturas que entraram em contato com Roma. No entanto, a presença do imperialismo não se deu de forma unificada, passiva e pacífica (Erskine, 2010). Isso significa dizer que tanto os romanos quanto os seus dominados possuíam capacidade de adaptação a novos ambientes e a culturas outras: “A identidade de qualquer pessoa forma uma negociação complexa e contínua de uma série de elementos: etnia, posição, gênero, idade e ocupação” (Revell, 2009, p. 151). Para

Erskine (2010, p. 69), é preciso tomar cuidado quando se fala em consentimento quanto à dominação romana. O autor afirma que por mais que parcerias e concessões fossem feitas, os romanos nunca perderam seu apreço pelo *terror*, o que pode ser comprovado pelos abundantes registros dos massacres nas fontes desse período e mesmo posteriores. Mattingly (2011), outro importante autor que estuda o conceito de *imperialismo* na Antiguidade, investiga o poder e a identidade na Roma Antiga, explora as experiências regionais e locais como parte do processo interpretativo de vestígios arqueológicos, concluindo que não se pode falar em *imperialismo romano* de maneira generalizada. O autor vê, com reservas, estudos que tratam de Império e de imperialismos de maneira homogênea, sem levar em conta as idiosincrasias contextuais. Das especificidades de cada caso é possível, no entanto, perceber pontos comuns entre as ações expansionistas imperiais romanas, inclusive nas representações dos estrangeiros.

A naturalização da violência colonial romana foi consubstancializada em várias formas de expressão cultural como, por exemplo, pela filosofia, pela literatura e outras formas de representação. Mattingly (2011, p. 23) cita o romano Cícero para exemplificar o endosso das ações colonialistas e imperialistas, mas nós poderíamos facilmente citar Plutarco e sua representação da dinastia Ptolomaica. Além disso, ainda como estratégia ideológica e bélica, buscou-se o embotamento e a inferiorização do *outro*, do colonizado, em um processo de “naturalização” de suas ações. Roma contava com a ajuda de escritores, poetas, filósofos e oradores, como colaboradores em sua propaganda, que buscava se fortalecer diminuindo, descaracterizando e silenciando as culturas com as quais rivalizava. Autores como Cícero, Virgílio e Plutarco “cantam” a supremacia romana, as vitórias dos líderes romanos, enaltecendo-os pela sua bravura, reforçando, assim, a “missão divina” de dominar. Esses elementos ideológicos e propagandísticos deram ao Império Romano um caráter distintivo, conforme assevera Mattingly (2011).

Esse cenário remete-nos a Plutarco, que, em *Vidas Paralelas*, em uma prática orientalista, imperialista e colonialista, conspurca a imagem dos Lágidas, representando-os como inimigos de Roma, degenerados e corruptos, incestuosos e conspiradores, entre vários outros adjetivos *ethóticos* pejorativos relacionados a um ideário greco-romano de Oriente. Nesse contexto, é importante refletir sobre qual ponto de vista Plutarco narrou, até que ponto ele justificou e, por conseguinte, propalou e cristalizou, com seu discurso, a ideia de supremacia greco-romana, a necessidade de imposição e/ou de adoção da

cultura greco-romana por parte das elites dos territórios conquistados². Isso explicaria, inclusive, a própria condição social e identitária de Plutarco, que era cidadão ilustre queronense, ateniense e também romano. Plutarco, com sua narrativa, demonstra ter assimilado bem a propaganda alimentada por Otávio em seu processo de valorização de Roma, a ponto de escrever sob encomenda de políticos romanos e para leitura das elites tanto romanas quanto gregas, que viam, juntamente com ele, aparentemente, o mundo dividido em duas categorias: os civilizados e os bárbaros. Segundo Silva (2009, p. 166), Plutarco e seus compatriotas “compunham um grupo diferenciado em Roma e que, em relação aos demais povos conquistados, eles eram tratados com distinção pelos romanos”.

Erskine (2010), discorre sobre a relação da elite grega e romana, o que nos auxilia a compreender o lugar de Plutarco na estrutura imperial. Ele afirma que muitos gregos da elite, como Plutarco, Dion Cássio e Estrabão, por exemplo, tinham cidadania romana e também possuíam altos cargos na estrutura imperial, sendo coparticipes do imperialismo. Esses autores são tidos como exemplos dessa situação de adaptabilidade, diversidade e de troca cultural no contexto imperial. Possivelmente eles teriam buscado se manter próximos do círculo de poder romano, com o objetivo de adquirir cidadania romana e, ao mesmo tempo, manterem-se membros das elites locais. Ser grego, romano, greco-romano ou egípcio no Império Romano é, evidentemente, uma questão de representação identitária, visto ser uma construção histórica que se baseia na alteridade, no *outro*, nas distinções cambiantes (e semelhanças também cambiantes) entre as culturas. Sendo a *representação* constituída por dispositivos consensuais de conhecimento, cujas pretensões são de estar “no lugar de uma verdade”, ela está intrinsecamente relacionada a construções socioculturais e político-ideológicas. Ademais, como assevera Guarinello (2009), a identidade deve ser vista como uma construção social que ocorre em processos de inclusão assim como de exclusão, desempenhando papel importante na compreensão do que seja um civilizado e um bárbaro no Mundo Antigo. O estudioso destaca que, em razão da diversidade de culturas, o Império Romano precisa ser entendido como espaço de negociação de múltiplas identidades. Logo, aquilo que distingue um grego e/ou um romano de um bárbaro é cambiante, provisório e mutável, tendo em vista os contatos entre si e com outras identidades presentes nas relações sociais e políticas do e no Império.

² A respeito da cooptação das elites dos dominados, cf. Woolf (2011).

Said (2007) alerta que as representações não refletem algo dado ou “real”, pronto para ser examinado por análises ou teorias, mas sim um produto criado pelos homens e por condições históricas específicas que engendram um pensamento, um imaginário e uma presença que marcam as relações de poder. As identidades e suas representações podem, assim, se fazer presentes em símbolos, lendas, mitos, personagens fictícios, propagandas, provérbios, figuras de retórica, saberes de crença, ou seja, tudo aquilo que possui uma relação com a leitura que os indivíduos de uma sociedade fazem sobre o mundo, sobre os outros e sobre si mesmos. Nessa perspectiva, percebemos que os imaginários, as representações sociais e discursivas a respeito dos Lágidas e também de Plutarco, além do Egito, de Roma e da Grécia, não podem ser rígidos e não devem ter como objetivo o estabelecimento de “verdades”, tampouco de “verdades uníssonas”.

Na narrativa de Plutarco em *Vidas Paralelas*, o passado se presentifica, se materializa, e o tempo se cruza com o espaço para juntos reproduzirem a representação dos Lágidas e também a do Egito; identidades individuais, sociais, espaciais e culturais que, amalgamadas, se (con)fundem inexoravelmente no discurso historiográfico. O queronense faz com que a dinastia macedônica reflita e refrate o Egito e sua memória cultural. A dinastia e Plutarco contribuem para fixar o Egito nos espaços da História e na História dos espaços, aventam sentidos a si próprios e, por conseguinte, a nós. A representação dos Ptolomeus, do Egito e de Plutarco se tornam uma espécie de garantia de contiguidade da memória, que acaba por alimentar e legitimar os discursos da História em temporalidades diversas.

3. Os Lágidas de Plutarco

Após a morte de Alexandre, o Grande (356-323 a.C.), uma nova dinastia macedônica – a dos Lágidas, se instala no poder em Alexandria, que ali se mantém por três séculos aproximadamente, até a morte de Cleópatra VII. Essa herança deixada por Alexandre é reivindicada por Ptolomeu I, que, reinando de 305 e 283 a.C., dá início à Dinastia Lágida. Ptolomeu I e seus sucessores eram, assim, em primeiro lugar, reis macedônios, de cultura helênica, que desejavam manter o legado de Alexandre e sua missão de anexar cada vez mais territórios (Palestina, Síria meridional, Chipre e Líbia, por exemplo), e aumentar seu poder no Mediterrâneo (Bevan, 1934). Para dar legitimidade ao seu reinado, os Lágidas, estrategicamente, adotaram costumes e rituais da monarquia egípcia que os precederam, assim como os invasores persas haviam feito antes deles. Apesar disso, a corte ptolomaica permanece falando grego, adotando parte

dos princípios helênicos durante os mais de três séculos de poder. Mesmo com problemas de confiabilidade de fontes, é sabido que os Lágidas são oriundos da aristocracia macedônia, razão pela qual vários historiadores afirmam que eles não eram nem genuinamente gregos e tampouco totalmente macedônios ou parcialmente egípcios, eram, talvez, uma mistura de tudo isso.³ Ainda assim, os Ptolomeu teriam governado o Egito durante séculos e chegado a controlar grande parte da costa oriental do Mediterrâneo, não sem dificuldades, haja vista as crises, guerras e disputas políticas, além dos conflitos e problemas familiares e das suas relações conflituosas com outras monarquias helênicas e com os romanos.

Muito do que Plutarco diz sobre Alexandria serve, guardadas as devidas proporções, para definir identitariamente os Lágidas, o Egito e o Oriente. Em Alexandria ficava o principal palácio da dinastia. Lá eles cresceram, se educaram e viveram grande parte de suas vidas; fato que leva alguns historiadores a dizerem que os Ptolomeus não eram egípcios, já que habitavam uma *polis* grega, naquela época.⁴ Vale lembrar que Alexandria, fundada por Alexandre, o Grande, em 331 a.C., pelo fato de ser helênica, e mesmo estando em um reino representado estereotipadamente com múltiplos elementos do Oriente, foi considerada espaço de cultura grega.⁵ Nesse sentido, Alexandria era uma cidade no/do Egito, sem, contudo, ser totalmente egípcia. No entanto, Plutarco parece fazer questão de silenciar que a Alexandria de Alexandre, o Grande, e dos Ptolomeus, por exemplo, é um espaço de poder ancestral mítico e, assim como Roma e Atenas, era helênica e cosmopolita. Ainda que Alexandria fosse um centro urbano, cultural, político e econômico de grande importância, ou seja, fonte de riqueza e de conhecimento no contexto geral das diversas relações internacionais no Mediterrâneo antigo, alguns gregos

³ Ainda que Grant (1972, p. 5) afirme que “Cleópatra não tinha uma gota de sangue egípcio em suas veias”, o autor acredita na forte miscigenação (hibridismo racial) entre os Ptolomeus, o que leva a se supor inclusive que Cleópatra poderia ter sido negra. No entanto, Foss (1987) assevera que “[...] se Cleópatra era negra, ninguém o mencionou”; e Shohat (2004) complementa a problemática dizendo que “[...] se Cleópatra era branca, ninguém tampouco o mencionou. Toda essa polêmica aquece a discussão sobre uma possível higienização (e ocidentalização) da imagem de Cleópatra na atualidade.

⁴ Callatay (2015) vê que Cleópatra VII acabou sendo excluída da helenicidade pela tradição greco-latina e jogada no terreno da barbárie. Preferimos dizer que essa exclusão se deu pela tradição greco-romana, incluindo-se aí Plutarco.

⁵ Plutarco (*Vida de Alexandre*, XXVI), narra a história da fundação de Alexandria. O autor afirma que a decisão de Alexandre de construir uma cidade grega no Oriente foi inspirada em Homero e que ele, na época em que discutia com os responsáveis pela construção sobre a melhor topografia, teve uma maravilhosa visão da cidade em um sonho que lhe determinava o local exato onde a cidade deveria ser erguida. A narrativa de Plutarco sobre Alexandria mostra que ele via a cidade como espaço grego, helênico. No entanto, quando ele fala de Cleópatra VII, ele a coloca em um espaço egípcio, oriental.

e romanos costumavam enxergar a cidade sede da monarquia Ptolomaica como uma síntese do modo de existência miscigenado e oriental, inevitavelmente associado à dinastia (e vice-versa). Alexandria era uma cidade considerada, na época, por parte das elites greco-romanas, como a capital da degeneração política e social, uma ameaça à hegemonia romana, posicionamento sustentado na representação identitária dos Lágidas.

Segundo Rodrigues (2002), Plutarco discorre sobre diversos membros da dinastia Lágida em *Vidas Paralelas*. Apesar disso, as informações são esparsas e superficiais, o que não diminui sua importância para a produção historiográfica sobre o Egito Ptolomaico. O patriarca e fundador da dinastia, Ptolomeu Sóter, aparece sobretudo na biografia de Demétrio, mas aparece também em 4 outras biografias de Plutarco. Nesses trechos, o queronense fala sobre relações matrimoniais e alianças políticas, assim como as famosas batalhas de Salamina de Chipre e em Ipsos. Seu filho, Ptolomeu II Filadelfo, aparece em *Vida de Arato* e seu sucessor, Ptolomeu III Evérgeta, em *Vida de Cleómenes* e em *Vida de Filopémen*. Também encontramos pequenos trechos que se referem a Ptolomeu IV Filopator, Ptolomeu VIII Físcon, Ptolomeu IX Látiro, Ptolomeu XII Aulete (Pai de Cleópatra VII), e Ptolomeu XIV (irmão/esposo da última rainha Lágida). As figuras femininas da dinastia também são representadas em *Vidas Paralelas*, como a princesa Arsínoe e as rainhas Berenice e Cleópatra VII Filopator.

Em *Vidas Paralelas*, vê-se que, através das análises comportamentais dos personagens sob o jugo moral, Plutarco insiste em repisar o caráter “egípcio” e “oriental” dos Lágidas sob uma perspectiva depreciativa como estratégia retórico-discursiva: “aquilo que chamamos hoje de uma guerra de propaganda” (Gaudefroy, 2017, p. 135). Em *Vida de César* (LXIII), Plutarco nos apresenta as entranhas da corte ptolomaica, trazendo detalhes do funcionamento das tramas tidas como sórdidas contra Júlio César e os romanos. Após a chegada de César em Alexandria, montou-se no reino dos Lágidas, uma espécie de complô contra o romano. Nesse contexto, César já era amante de Cleópatra, e seu irmão/marido - Ptolomeu XIII, aconselhado pelo eunuco Potino (autoridade principal entre os conselheiros do rei), conspirou contra ambos, levando a uma guerra entre Roma e o Egito em Alexandria. César, ao cobrar uma dívida feita pelo pai do jovem rei e de Cleópatra - Ptolomeu XII, foi perseguido e boicotado, insultado e ameaçado por membros da corte ptolomaica, sobretudo por Potino, que já havia mandado matar, de forma desonrosa e traiçoeira, o romano Pompeu. César deplora as intervenções do eunuco egípcio e é obrigado a fazer guerra contra Ptolomeu XIII e seus conselheiros. Para Plutarco, após a morte do rei ptolomaico, César providencia o casamento de

Cleópatra com seu irmão mais novo - Ptolomeu XIV, e os coloca no trono egípcio, mesmo sabendo que a rainha estava grávida de César. Após esse conflito, os romanos levam presa a princesa Arsínoe, irmã de Cleópatra e do jovem rei, para Roma, onde é exibida e humilhada em um triunfo de César. Para Plutarco, o relato desse cenário demonstra a instabilidade política do Egito Ptolomaico, composto de elementos bárbaros tais como a presença de um eunuco com muito poder político, as várias traições, os complôs, os incestos, as dívidas e até mesmo a gravidez (proposital) da rainha, elementos que compõem uma retórica de feminização e inferiorização, marginalização e barbarização, justificando, assim, a interferência, o domínio e a manipulação por parte de Roma.

A título de ilustração, trazemos, aqui, cinco pequenos excertos de *Vidas Paralelas* que exemplificam o julgamento moral de Plutarco a respeito dos Lágidas. No primeiro, vê-se a representação de Ptolomeu como usurpador, perigoso e corrupto; no segundo, Ptolomeu é delineado como bajulador e traiçoeiro; no terceiro e no quarto, o Egito e a corte dos Ptolomeus são mencionados por sua riqueza, luxúria, exotismo e frivolidade, além das emoções tais como discórdia e inveja; e no quinto, Plutarco mostra Ptolomeu como assaltante e depredador, saqueador e pilhador:

Os negócios na Macedónia foram perturbados porque Ptolomeu matou o rei e usurpou o reinado. Os servidores e amigos do rei morto chamaram em seu socorro Pelópidas, o qual desejando chegar logo, não levou consigo guerreiros de seu país, mas, reuniu subitamente alguns no lugar mesmo onde estava, com os quais se pôs imediatamente a caminho para ir em busca de Ptolomeu. Quando se aproximaram um do outro, este achou meios de comprar e corromper por dinheiro os soldados que Pelópidas havia trazido, fazendo-os passar para o seu lado [...] (*Vida de Pelópidas*, XLIX).

O próprio rei Ptolomeu, então ainda muito jovem, fez o melhor acolhimento possível a Lúculo, pois, entre outras demonstrações de amizade, alojou-o e alimentou-o em seu castelo real, onde, até então, nunca fora hospedado nenhum capitão estrangeiro; nem poupou despesas, para homenageá-lo, coisa que nunca fez

com outros. Na partida de Lúculo, o rei disse-lhe adeus, abraçou-o, e ofereceu-lhe uma linda e preciosa esmeralda engastada em ouro, que Lúculo logo recusou; mas, como o rei lhe mostrasse a sua efígie ali gravada, acabou aceitando, receoso de que, julgando-o partir descontente com a sua pessoa, o rei lhe preparasse alguma emboscada no mar (*Vida de Lúculo*, V).

A esperança de Arato o levava ao Egito, fora de seu país, e ele apreciava muito as riquezas daquelas terras, ouvindo falar de tantos elefantes, de grandes frotas de navios e de seus Palácios, como é costume no Egito: mas, agora que ele viu de perto e percebeu que tudo aquilo é apenas ilusão e vã aparência, falsa pompa e um pouco de fumaça. [Em meio a intrigas envolvendo o nome de Arato e Ptolomeu] este lhe mandou um mensageiro expressamente para se queixar e lamentar-se a ele. E, assim, havia também entre as grandes amizades de príncipes e reis daqueles que, por ciúme, porfiadamente, despertavam entre eles a malignidade e a inveja (*Vida de Arato*, XVII).

Mas, infelizmente, o velho Ptolomeu, antes de poder cumprir o que havia prometido a Cleômenes, isto é, mandá-lo de novo à Grécia, morreu, e depois de sua morte, a corte caiu na dissolução de banquetes e no domínio das mulheres e a promessa feita a Cleômenes, foi esquecida; o jovem rei (LV), só pensava em mulheres e vinho; se ele não estava embriagado, então a sua maior preocupação e o seu maior empenho, era dar festas e sacrifícios (LVI), tocar instrumentos musicais pelo palácio para reunir gente, dar espetáculos, como um artista e charlatão, enquanto Agatocléia, que era sua amiga, a mãe dela e um certo Oenante, homem da pior espécie, dirigiam os principais negócios do reino. (*Vida de Cleômenes*, LXVI).

[Antígono], tendo sabido que Ptolomeu passava por Chipre, assaltando e depredando toda a Síria, reduzindo por bem ou à força, todas as cidades e aldeias ao seu domínio, para lá enviou seu filho, Demétrio, que então tinha somente vinte e dois anos, e pela primeira vez ocupava o cargo de chefe e comandante, numa empresa de tanta importância [...] Todos se alinharam com Antígono e Demétrio, contra tudo e contra todos, exceto Ptolomeu (*Vida de Demétrio*, VI; XXVII).

Ainda sobre a propaganda imperial contra os Lágidas, Huzar (1988, p. 348) afirma que a campanha contra Cleópatra e sua família se aproximou de uma xenofobia histórica, sobretudo quando os rumores de que César e Marco Antônio planejavam mudar a capital imperial para Alexandria, uma cidade considerada licenciosa e corrupta. Para o autor, poucos romanos haviam viajado ao Egito, o que comprova uma idealização excessiva de um espaço desconhecido. Essa propaganda otaviana de oposição vai ao encontro do sentimento popular, que já via a rainha lágida como a responsável por vários conflitos desde César⁶. Esse sentimento foi afluído pela propaganda orquestrada por Otávio, que acabou por orientar os historiadores em suas leituras dos fatos. Trazemos, aqui, dois excertos da obra de Plutarco, agora sobre Cleópatra, a última rainha ptolomaica. No primeiro, o queronense mostra que a rainha é esperta e sorradeira no trato com o romano César; no segundo, Plutarco a culpa por enlouquecer o romano Antônio com sua sensualidade, sexualidade e feitiços:

[César] secretamente mandou chamar Cleópatra, que estava nas redondezas; ela, em companhia de Apolodoro Siciliano, um amigo, partiu em um pequeno barco, no qual chegou a se aproximar do Palácio de Alexandria, quando já era noite escura; e não tendo meios de entrar sem ser reconhecida, ela se escondeu em uma trouxa de roupas, que Apolodoro dobrou e amarrou com uma corda, colocou-a na cabeça,

⁶ Sobre a propaganda arquitetada/orquestrada por Otávio contra Cleópatra, cf. Scott (1919; 1933) e Rodrigues (2013).

passou pelo portão do Palácio e a levou até a presença de César (*Vida de César*, LXII).

[...] Antônio estava com sua mente perturbada e de tal modo encantado com o veneno do amor, que não pensava em outra coisa senão nela [...] dizia ainda Otávio que Antônio não era senhor de si, porque Cleópatra, por meio de seus encantos e de seus venenos amorosos, o havia privado de seu bom senso e que lhes fariam guerra [...] (*Vida de Antônio*, XLVI; LXXVII).

Vê-se, dos excertos acima, que a arte de manipular não é exclusiva de Cleópatra; Plutarco também manipula sua narrativa, ao depreciar os Ptolomeus, valendo-se de críticas aos comportamentos morais, éticos e estéticos de Cleópatra e de seus familiares (Gurval, 1995). Ressurge, nesse cenário, uma ideologia que reverbera ou encontra eco no imaginário social e na literatura greco-romana por séculos. Otávio, com a ajuda de intelectuais⁷, buscou construir seu próprio *ethos* e o de César como romanos bons e leais, e um *ethos* de Antônio e seus aliados estrangeiros como traidores públicos e rivais degenerados de Roma. E Plutarco não foge a essa regra.

Como já dito, o grego era a língua materna dos Ptolomeus, falada tanto em Alexandria quanto em Atenas e Roma, língua dos negócios e das relações políticas e diplomáticas, e falada por pessoas consideradas cultas. Sobre a educação e a cultura de Cleópatra em Alexandria, por exemplo, as fontes principais também vêm da narrativa de Plutarco (*Vida de Antônio*, XXVII, 4-5), segundo a qual:

[Cleópatra] falava a poucas nações bárbaras, por meio de intérprete, mas dava ela mesma as respostas, pelo menos à maioria, como aos etíopes, árabes, trogloditas,

⁷ Entre seus colaboradores de peso, Otávio contou com Cícero e suas *Filípicas* (algumas delas retomadas nos discursos de Plutarco) para difundir sua propaganda anti-Antônio e anti-Cleópatra. Aufrère (2018, p. 32), ao pesquisar o discurso de Cícero, fala em “crime de lesa-majestade”, tamanho o ódio e a difamação que ele alimenta pela rainha e pelos seus. Sobre Antônio, Cícero, em seu discurso lido no Senado romano (Sexta Filípica) disse que ele é patife imprudente, tolo, bêbado, obsceno, sem vergonha, depravado, libertino e saqueador, uma besta feroz, alguém que prefere obedecer a uma mulher avarenta (Cleópatra) do que ao Senado e ao povo romano.

hebreus, sírios, medos e partos e a muitos outros ainda, cuja língua aprendera quando muitos dos seus predecessores, reis do Egito, dificilmente tinham podido aprender somente o egípcio e alguns até esqueceram a da Macedônia.

Informações como essas registradas por Plutarco teriam sido tomadas por ele próprio (e por muitos que o leram e copiaram) como uma constatação cabal à revelia de uma pesquisa pautada em fontes documentais seguras. Ademais, vemos, nesse trecho, que Plutarco fala a respeito do domínio de várias línguas por parte da dinastia Lágida. No caso específico de Cleópatra, vemos que, a princípio e em uma primeira leitura, pode parecer um elogio ou positividade⁸, mas não necessariamente o é. Destarte, percebe-se que as línguas e dialetos citados dizem respeito a questões geográficas, ou melhor, geopolíticas do Oriente, já que esses reinos eram vassalos à monarquia ptolomaica. Assim, seria compreensível que Cleópatra e seus familiares falassem vários idiomas e dialetos, já que eram os representantes de um reino importante que mantinha relações diplomáticas e políticas, financeiras e comerciais com muitos outros reinos e povos. Chama-nos a atenção que aquilo que parece um elogio pode ser, na verdade, uma crítica ou até mesmo um conjunto de insultos. De início, percebemos no/do excerto supracitado uma ênfase negativa quanto aos seus antecessores, uma crítica aos Ptolomeus, que não se preocuparam em aprender a língua dos ancestrais – o macedônio, e tampouco aquela dos dominados, ou melhor, daqueles que eles governavam – o egípcio. Isso poderia configurar uma crítica a esse Oriente despreparado para a liderança política.

Para Sartre (2018), a Etiópia servia, em textos da Antiguidade, para nomear grande parte das populações negras da África, o que cobre, na geografia atual, partes do norte do continente, da Etiópia até o Marrocos, um conjunto enorme de povos e culturas com línguas diversas. No que diz respeito aos trogloditas, sociedade que teria vivido nas proximidades do Mar Vermelho, povo retratado pelo ideário greco-romano como de hábitos rudes, privado do uso de uma língua, no sentido que normalmente a concebemos, ou seja, era um povo “primitivo” que se comunicava por gestos, grunhidos e gritos (Sartre, 2018). Assim, dizer que Cleópatra dominava essa língua não significaria necessariamente um elogio, mas sim um deboche. Coincidência ou não, o termo *troglodita* atravessou os

⁸ Sobre o multilinguismo e o multiculturalismo no Mundo Antigo, cf. Rochette (1997).

séculos cristalizado em estereótipos para designar aquele que é considerado rude, sem civilidade e que age tal como os pré-históricos. Fica, então, a suspeita de que Plutarco estaria sendo cáustico ao dizer, direta ou indiretamente, que os Ptolomeus, assim como os orientais, podiam ser definidos identitariamente com esses adjetivos.

No contexto por nós analisado, tem-se que as representações das identidades dos Lágidas, dos gregos e dos romanos, por exemplo, seriam definidas e normatizadas não só no “jogo de espelhos” das identidades *vs* alteridades, mas também a partir dos registros documentais que as projetam e as fixam, as cristalizam e as propagam. Biografias como as de Plutarco traduzem-se em formas de cristalizar as memórias e de reivindicar as identidades. Próximo a essa linha de raciocínio, Schiff (2011, p. 93) lembra que relatos como os de Plutarco a respeito dos Lágidas devem ser necessariamente repensados quanto ao seu teor documental-histórico. Isso porque o fato de contar parte da história da vida da dinastia faz com que esses relatos sejam, muitas vezes, apologéticos, relativamente tendenciosos, com objetivos estratégicos e políticos, ideológicos e propagandísticos fortemente presentes em textos ficcionais, ainda que de cunho histórico ou biográfico. As representações dos Lágidas e do Egito construídas por Plutarco fazem parte de um projeto maior, qual seja, uma propaganda romana, iniciada sobretudo por Otávio e seus aliados, para fins políticos. Isso porque no ideário de Plutarco, tanto os Lágidas quanto o Egito estariam inexoravelmente vinculados ou assimilados à noção de *barbárie*. Ao falar dessa dinastia, ao desconstruir seu *ethos*, Plutarco a liga à ideia (negativa) de *hubris*, que comporta e condensa um conjunto de traços identitários de caráter moral, estereotípico e estigmatizante tais como desvio, excesso, corrupção, decadência e/ou falta moral, enfim, a própria *barbárie*.

Com uma visão tida por nós como imperialista e xenófoba, o Oriente dos Lágidas, aos olhos da cultura greco-romana, e discursivizado por Plutarco, como espaço da luxúria, da sexualidade vulgar, dos excessos, da corrupção e da crueldade, é o cenário dos embates e dos ataques, a arena de luta entre os nobres e seus “inimigos”. Os que pertencem ao Oriente são delineados majoritariamente como indolentes e efeminados, perversos e traiçoeiros, enganadores, desonestos e cruéis, a despeito das contradições que essa visão possa evidenciar. Essa visão preconceituosa e clichê persiste mesmo quando se trata de um espaço no continente africano no qual se fala grego, onde se vive segundo os preceitos da cultura helênica, como é o caso de Alexandria. As representações que definem os Lágidas nas *Vidas Paralelas* geralmente funcionam como uma espécie de rótulo simplificador no processo de construção de suas identidades, método utilizado também

na representação de outros monarcas marcadamente orientais, como no caso de Xerxes e Dário, por exemplo. Em uma espécie de espelhamento, o que Plutarco diz das cortes orientais também é encontrado na representação da dinastia Ptolomaica, com as mesmas estereotípias.

4. Considerações finais

Acreditamos que a construção identitária dos Ptolomeus é feita consciente e deliberadamente por Plutarco com o objetivo de sustentar, subsidiar a história das grandes personalidades greco-romanas. Essa representação (familiar, social, política e cultural) pode ter sido utilizada por Plutarco para desconstruir a força e o poder do reino egípcio ptolomaico e subjogá-lo na personificação de seus monarcas, por conseguinte, agradar o poder político vigente, no sentido de buscar contrapor sua força de corrupção e suas estratégias políticas aos poderes e racionalidade romana imperial, reiterando os valores greco-romanos. O biógrafo de Queroneia edifica a identidade dos Ptolomeus (e do Egito) ora revelando, ora negando seus modos, a forma como eles se vestiam, falavam, o lugar que ocupavam naquela sociedade em que viviam, suas ações políticas, posturas, ideais, enfim, seus valores morais, éticos e estéticos. A resistência dos Lágidas e do Egito contra o poder de Roma, ainda que não totalmente negligenciada, parece ter sido trazida para registro na narrativa plutarquiana para efeitos retóricos específicos: por um lado, convencer, seduzir seu público greco-romano da extraordinária capacidade de liderança de Roma, o poder e a supremacia romana; por outro, para mostrar o despreparo dos adversários, no caso, os Ptolomeus, os egípcios (Alexandria e o Oriente), personificados na dinastia e em suas desmedidas.

Recebido: 09/06/2021

Aprovado: 20/07/2021

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

Plutarco. (1953). *Vidas Paralelas*. Tradução do francês para o português de Padre Vicente Pedroso. São Paulo: Editora das Américas.

Obras

Aburto, L. L. (2011). “El helenismo y sus límites. Algunas notas sobre el concepto de helenismo y su evolución”. In *Limes – Revista de Estudios Clásicos*. nº 21. Limes: Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación, (pp. 107-128).

Bakhitin, M. (1993). “Biografia e autobiografia antigas”. In *Questões de Literatura e de Estética – A Teoria do Romance*. São Paulo: Universidade Estadual de São Paulo – UNESP, (pp. 250-262).

Beck, M. (2014). (ed.). *A companion to Plutarch*. Pondicherry: Blackwell.

Bevan, E. R. (1934). *Histoire des Lagides – 323-30 av. J.-C.* Paris: Payot.

Boulogne, J. (1994). *Plutarque, un aristocrate grec sous l’occupation romaine*. Lille: Presse de l’Université de Lille.

Callatay, F. (2015). *Cléopâtre, usages et mésusages de son image*. Liège: Académie Royale de Belgique.

Erskine, A. (2010). *Roman Imperialism*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

Flacelière, R. (1963). “Rome et ses empereurs vus par Plutarque” In *L’Antiquité Classique*. nº XXXII, (pp. 28-47).

Flacelière, R. (1964). *La Sagesse de Plutarque*. Paris: Presses Universitaires de France.

Foss, M. (1987). *The Search for Cleopatra*. New York: Arcade Publishing.

Funari, P. P. A. (org.). (2003). *A vida quotidiana na Roma Antiga*. São Paulo: Annablume, (pp. 11-15).

Gaudefroy, O. (2017). *Cléopâtre l’immortelle – de l’histoire à la légende*. Paris: Arléa.

Goldsworthy, A. (2012). *Antônio e Cleópatra*. Lisboa: A esfera dos Livros.

Grant, M. (1972). *Cleopatra – A Biography*. London: Weidenfeld and Nicolson.

Guarinello, N. L. (2009). “Império Romano e Identidade Grega”. In FUNARI, P. P. A.; SILVA; M. A. O. (eds.). *Políticas e Identidades no Mundo Antigo*. São Paulo: Fapesp/Annablume, (pp. 147-161).

Gurval, R. A. (1998). *Actium and Augustus – The Politics and Emotions of Civil War*. Michigan: The University of Michigan Press.

- Huzar, E. G. (1988a). “*Alexandria ad Aegyptum* in the Julio-Claudian Age” In HAASE, W.; Temporini, H. (eds.). *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt* II.10.1. Berlin/ New York: Walter de Gruyter, (pp. 619-668).
- Martín, C. A.; González, M. G. (2010). “Traducción, Introducción, comentarios y notas” In Plutarco. *Vidas Paralelas – Alexandre y César*. Madrid: Gredos.
- Martins, P. (2007). “Os bons, os maus e os feios – historiografia do pensamento greco-romano” In *Discutindo Literatura*. v. 19. São Paulo, (pp. 22-26).
- Mattingly, D. J. (2011). *Imperialism, Power, and Identity – Experiencing the Roman Empire*. Princeton: Princeton University Press.
- Mello, F. A. (2019). *Identidades e espaços – as representações de Cleópatra e do Egito em ‘Vida de Antônio’, de Plutarco* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.
- Momigliano, A. (1993). *The Development of Greek Biography*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Pinheiro, J. (2012). “Roma nas Vidas Paralelas de Plutarco” OLIVEIRA, F.; TEIXEIRA, C.; DIAS, P. B. (eds.). *Espaços e Paisagens – Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas*. v. I. Língua e Literaturas: Grécia e Roma. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, (pp. 237-245).
- Pinheiro, J. (2013). *Tempo e espaço da paideia nas Vidas de Plutarco*. Série Supplementum. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Revell, L. (2009). *Roman Imperialism and Local Identities*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Rochette, B. (1997). “Grecs, Romains et Barbares – à la recherche de l’identité ethnique et linguistique des Grecs et des Romains” In *Revue Belge de Philologie et d’Histoire*. n° 75-1, (pp. 37-57).
- Rodrigues, N. S. A. (2013). “The one ‘Of the Inimitable life’ – Metaphor for Alexandria in Plutarch” In Sousa, R.; FIALHO, M. C.; Haggag, M.; Rodrigues, N. S. (eds.). *Alexandria ad Aegyptum – The Legacy of Multiculturalism in Antiquity*. Porto: Edições Afrontamento, (pp. 62-73).
- Rodrigues, N. S. A. (2002). “Plutarco, historiador dos Lágidas – o caso de Cleópatra VII Filopator” In Ferreira, José Ribeiro (org.). *Plutarco educador da Europa*. Actas do Congresso. Coimbra/Porto: Universidade de Coimbra/Fundação Eng. António de Almeida, (pp. 127-149).

- Said, E. (2007). *Orientalismo – o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Cia das Letras.
- Sartre, M. (2018). *Cléopâtre – un rêve de puissance*. Paris: Tallandier.
- Schiff, S. (2011). *Cleópatra – uma biografia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Schmidt, T. S. (1999). *Plutarque et les Barbares – la rhétorique d’une image*. Louvain-Namur: Éditions Peeters.
- Scott, K. (1919). “Octavian’s Propaganda and Anthony’s ‘De Sua Ebrietate’” In *ClassPhil* 24/2, (pp. 133-141).
- Scott, K. (1933). “The Political Propaganda of 44-30 B.C.” In *MAAR*. n° 11, (pp. 7-49).
- Shohat, E. (2004). “Des-orientando Cleópatra – um tropo moderno da identidade” In *Cadernos Pagu*. Campinas, v. 23. (pp. 11-54).
- Siani-Davies, M. (1997). Ptolemy XII – Auletes and the Romans. In *Historia – Zeitschrift für Alte Geschichte*. (pp. 306-340).
- Silva, M. A. O. (2003). “A biografia antiga – o caso de Plutarco”. In *Revista Métis – História e Cultura*. v. 2. n° 3, (pp. 23-34).
- Silva, M. A. O. (2009). “Plutarco e os romanos” In FUNARI, P. P. A.; SILVA, M. A. O. (eds.). *Política e identidades no Mundo Antigo*. São Paulo: Annablume. (pp. 163-178).
- Sirinelli, J. (2000). *Plutarque – un philosophe dans le siècle*. Paris: Fayard.
- Swain, S. (1996). *Hellenism and Empire – language, classicism, and power in the Greek World AD 50-250*. Oxford: Clarendon Press.
- Woolf, G. (2011). *Tales of the barbarians – ethnography and empire in the Roman west*. Chichester: Wiley-Blackwell.
- Ziegler, K. (1964). *Plutarchos von Chaironeia*. Stuttgart: Alfred Druckenmüller Verlag.

**PLUTARCH AND THE LAGIDS: REPRESENTATION AND IMPERIAL
ADVERTISING**

Felipe Aiala de Mello

ABSTRACT

This article seeks to analyze the representations of the Lagids and the Orient forged by Plutarch in *Parallel Lives*. Speaking from the point of view of a citizen of a Greek polis (Queroneia), who lived under Roman rule, Plutarch reconfigures facts, data and history itself, with his biographical writing that is simultaneously strategically dramatic, theatrical, emotional and moralizing. This article intends to show that Plutarch, forging the representation of the Ptolemaic dynasty, does so from an imperialist and orientalist perspective, following Roman ideology. The main analytical categories used to produce this text are *imperialism*, *orientalism*, and *representation/identity*. The methodology used in the analysis is based on the traditional form of the historian's work, that is, the internal and external criticism of the sources, combined with content analysis. We see that Plutarch, based on stereotyped oppositional dichotomies supported by Hellenic precepts, subordinates the Lagids and the Orient in favor of a supposed superiority based on a cultural and moral hierarchy, like in the Roman propaganda.

KEYWORDS

Plutarch, *Parallel Lives*, Lagids, Orient, imperial propaganda.